

Com referência a 31 de dezembro de 2020, são apresentados de seguida os principais indicadores de atividade consolidada da Vila Galé – Sociedade de Empreendimentos Turísticos, S.A. (Vila Galé ou Sociedade):

Indicadores Financeiros Consolidados (C)	31.12.2020	31.12.2019
Volume Negócios	68 005 141	182 610 720
Resultados Operacionais Brutos (antes depreciações/amortizações)	8 656 323	64 302 264
Resultados Operacionais	-11 384 248	45 018 914
Resultado Líquido	-31 692 143	30 915 678
Resultado por Acção	-7,88	7,84
Cash-flow líquido (1)	-11 478 549	52 178 919
Cash-flow bruto de exploração (2)	8 829 346	66 282 155

(1) - Resultado Líquido+Depreciações+Provisões+Imparidades+Variações Justo Valor

(2) - Resultado Líquido+Depreciações+Provisões+Imparidades+Variações Justo Valor+Juros+Imposto

Indicadores Financeiros Consolidados (C)	31.12.2020	31.12.2019
Activo líquido	242 376 133	267 670 155
Capitais próprios	101 096 259	139 347 307
Passivo	141 279 874	128 322 848
Autonomia financeira (Capitais próprios/Total do Balanço)	41,71%	52,06%

O volume de faturação no exercício findo em 31 de dezembro de 2020 ascendeu a 68 milhões de euros, o que representa um decréscimo significativo de 62,8% face ao período homólogo, severamente afetado pela pandemia covid19, que obrigou ao fecho das unidades por alargados períodos de tempo. Em valores absolutos traduz-se numa redução de 114,6 milhões euros.

Os custos operacionais diretos, registaram no exercício findo de 31 de dezembro de 2020 igualmente um decréscimo, de 45% (cerca de 52 milhões euros em termos absolutos). Esta redução, de menor amplitude que das vendas, resulta diretamente da manutenção de postos de trabalho, premissa assumida pela Vila Galé e subjacente aos apoios de layoff prestados pelo Estado Português e Brasileiro.

Os resultados brutos operacionais em 2020 fixaram-se nos 8,6 milhões de euros, versus 64 milhões de euros em 2019, o que representa uma queda de 87%.

Os indicadores operacionais de exploração direta dos hotéis, severamente impactados pela covid19, são os seguintes:

Indicadores Operacionais Portugal	31.12.2020	31.12.2019	Var%
Número Colaboradores Hotéis	804	1 237	-35,0%
Quartos Hotéis	1 729 051	1 654 045	4,5%
Ocupação Hotéis	322 794	948 684	-66,0%
% Ocupação Hotéis	18,7%	57,4%	-38,7 p.p.
Quartos DRHP	51 122	43 578	17,3%
Ocupação DRHP	19 923	28 489	-30,1%
% Ocupação DRHP	39,0%	65,4%	-26,4 p.p.
Receita Alojamento (€)	28 127 044	85 332 171	-67,0%
Receita F&B (€)	8 884 906	26 800 693	-66,8%
Estadia Média	2,64	2,46	7,2%
Receita Média Alojamento (€)	82,07	87,33	-6,0%
Receita Média F&B (€)	25,92	27,43	-5,5%

Indicadores Operacionais Brasil	31.12.2020	31.12.2019	Var%
Número Colaboradores Hotéis	1 219	1 440	-15,4%
Quartos Hotéis	934 905	902 280	3,6%
Ocupação Hotéis	234 265	500 071	-53,2%
% Ocupação Hotéis	25,1%	55,4%	-30,4 p.p.
Receita Alojamento			
Reais	105 595 161	176 604 690	-40,2%
Euros	17 916 920	40 015 564	-55,2%
Receita F&B			
Reais	43 128 904	91 979 097	-53,1%
Euros	7 317 922	20 840 870	-64,9%
Estadia Média	2,55	3,55	-28,0%
Receita Média Alojamento			
Reais	450,75	353,16	27,6%
Euros	76,48	80,02	-4,4%
Receita Média F&B			
Reais	184,10	183,93	0,1%
Euros	31,24	41,68	-25,0%

Tx Cambio BP

5,89

4,41

São de destacar:

- ✓ Decréscimo do número de colaboradores, por caducidade dos contratos de trabalho
- ✓ Diminuição significativa da taxa de ocupação na operação em Portugal e Brasil
- ✓ Diminuição significativa da faturação na operação de Portugal e do Brasil
- ✓ Diminuição no preço médio de Alojamento em Portugal e no Brasil
- ✓ Diminuição no preço médio de F&B em Portugal e no Brasil



VILA GALÉ, SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.

RELATÓRIO DE GESTÃO CONSOLIDADO PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS E ATIVIDADE

INTRODUÇÃO

O presente relatório e contas visa a apresentação das contas consolidadas da Vila Galé referentes ao exercício findo em 31 de dezembro de 2020.

Na sequência da publicação em 13 de julho do Decreto-Lei n.º 158/2009, que veio aprovar o Sistema de Normalização Contabilística, as demonstrações financeiras consolidadas da Vila Galé são preparadas de acordo com as Normas Contabilísticas de Relato Financeiro (NCRF).

PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

- A estrutura acionista da Vila Galé alterou no exercício de 2020, com reforço da posição da XPAR, decompondo-se da seguinte forma:

Accionistas	Capital	Accões	%
XPAR - Participações e Investimentos, SA	16 708 050	3 341 610	75,73%
José Silvestre Lavrador	1 574 145	314 829	7,13%
Maria Helena Jorge	1 574 145	314 829	7,13%
Accções Próprias	2 206 260	441 252	10,00%
	22 062 600	4 412 520	100,00%

- A Vila Galé, SA procedeu ao pagamento dos lucros distribuídos em exercícios anteriores ao acionista XPAR no montante de 17,8 milhões de euros.
- A Vila Galé Internacional cedeu a posição que detinha na Vila Gale Brasil ao respetivo valor contabilístico de 14,6 milhões de euros à acionista Vila Galé (que passou a deter 100% da participação na Vila Galé Brasil), reduzindo o montante dos empréstimos de tesouraria efetuados pela acionista.
- A Vila Galé, SA, procedeu à aquisição da posição minoritária do capital da Vila Galé Coimbra, passando a deter 100% da mesma.
- Hotel Vila Galé Serra da Estrela

O Hotel Vila Galé Serra da Estrela foi contruído em pleno Vale Glaciar, na zona limítrofe do Parque Natural da Serra da Estrela. O Hotel com 91 quartos, um salão de eventos, uma sala de reuniões, um restaurante Versátil com oferta gastronómica diferenciada,

lobby bar, ginásio, SPA, piscina interior e piscina exterior. O investimento total desta unidade situou-se na ordem dos 9 milhões de euros. Este projeto foi objeto de candidatura ao Portugal 2020 (programa adotado entre Portugal e a Comissão Europeia, que reúne a atuação dos 5 Fundos Europeus Estruturais e de Investimento - FEDER, Fundo de Coesão, FSE, FEADER e FEAMP - no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover, em Portugal, entre 2014 e 2020). O valor do apoio ascenderá a cerca de 1,5 milhões, não reembolsáveis.

A abertura do hotel ocorreu no mês de junho de 2020.

➤ Hotel Vila Galé Alter Real

A Vila Galé Internacional propôs-se desenvolver na Coudelaria de Alter uma unidade hoteleira de 4* com um total de 76 quartos. A Empresa considerou de interesse intervir na Coudelaria de Alter, não só pelo seu elevado valor de património arquitetónico, mas também pelo grande legado coudélico que representa na preservação e valorização do património genético e cultural do ferro Alter Real. A obra teve início em março de 2019 e o seu término em março de 2020. O investimento total desta unidade situou-se na ordem dos 9 milhões de euros.

Este projeto foi objeto de candidatura ao Portugal 2020 (programa adotado entre Portugal e a Comissão Europeia, que reúne a atuação dos 5 Fundos Europeus Estruturais e de Investimento - FEDER, Fundo de Coesão, FSE, FEADER e FEAMP - no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover, em Portugal, entre 2014 e 2020). O valor do apoio ascenderá a cerca de 1,5 milhões, não reembolsáveis.

A abertura do hotel ocorreu no mês de junho de 2020.

- O Hotel Vila Galé Douro Vineyards foi objeto de ampliação do seu número de quartos, tendo esta obra de ampliação terminado em junho de 2020. O investimento total na ampliação da unidade situou-se na ordem dos 7 milhões de euros. Foi contratada uma linha de crédito de médio/longo prazo de suporte à referida ampliação, junto da Caixa Geral de Depósitos, no montante de 6 milhões de euros.
- O grupo Vila Galé, decorrente da pandemia covid19 que obrigou ao fecho de unidades durante um largo período de tempo, tomou várias medidas nomeadamente (i) recorreu aos apoios da segurança social no âmbito da pandemia (layoff, apoio retoma), (ii) recorreu a financiamentos bancários no valor de 42 milhões de euros e (iii) recorreu aos apoios e incentivos à formação junto do IEFP.

ENQUADRAMENTO ECONÓMICO

ECONOMIA INTERNACIONAL

O ano de 2020, será lembrado pelo aparecimento da pandemia global da COVID 19, e pelo medo que dominou os mercados financeiros, os governos e as famílias.

Os governos e os Bancos Centrais reagiram rapidamente à pandemia, evitando uma catástrofe económica iminente, fornecendo incentivos, isenções fiscais e liquidez abundante para as empresas a todos os níveis. Enquanto financiadores, os bancos trabalharam em conjunto com os governos, fornecendo ajuda estatal na maioria das jurisdições. Entretanto, os credores diretos e os fundos especializados na concessão de crédito forneceram mais liquidez e condições de crédito mais flexíveis.

O pânico que atingiu os mercados financeiros no segundo trimestre, e que levou as empresas a recorrer a linhas de crédito, para aumentar o nível de liquidez disponível, recuou no Verão, permitindo a normalização dos spreads e dos níveis de financiamento.

Após um primeiro trimestre muito afectado pela pandemia, os mercados de ações em todo o mundo iniciam a sua recuperação.

No 3º trimestre 2020, a economia mundial começou a recuperar da recessão despoletada pela COVID 19, ainda que esse crescimento dependesse das medidas excepcionais de estímulo nas frentes monetárias e fiscais introduzidas em todas as principais economias.

A atividade económica voltou a crescer em muitos setores, sem nunca atingir os níveis existentes antes da emergência de saúde pública.

Um facto interessante desta crise da COVID, é o impacto distinto que teve nos diversos setores. Em períodos de recessão, é comum ocorrer um aumento da dispersão sectorial no crescimento do PIB, com indústrias que fornecem bens de investimento ou bens de consumo discricionários a sofrer as contrações mais acentuadas. No entanto, a dispersão sectorial das taxas de crescimento no primeiro semestre de 2020 foi substancialmente maior e muito homogénea entre países, comparativamente ao que havia acontecido na crise de 2007/2009.

Nas famílias, por exemplo, o medo do desemprego foi acompanhado por um aumento da poupança. O sector de retalho foi uma clara vítima desta menor procura. Os sectores ligados ao Turismo, geralmente considerados seguros e resistentes, foram os que mais sofreram, e que recuperam mais lentamente porque as empresas continuam a enfrentar limitações constantes, refletindo restrições regulamentares e mudanças de comportamento por parte dos consumidores.

O resultado desta incerteza, nos diferentes sectores de actividade, faz com que as economias ainda necessitem de amplos estímulos monetários que apoiem a tesouraria e as condições de crédito das empresas, independentemente da qualidade de crédito das mesmas.

As emissões de empresas com qualidade crédito superior foram incluídas nas compras dos bancos centrais desde o início desta recessão económica e esta decisão fez uma enorme diferença em relação às anteriores gestões de crise económica.

A Reserva Federal nos Estados Unidos concluiu, logo após o Verão de 2020, a revisão da sua estratégia de política monetária, iniciada em Novembro de 2018. As suas decisões foram ao encontro dos objetivos de contrariar os défices de emprego a partir do seu nível máximo, e de alcançar uma taxa de inflação de cerca de 2% em média (o famoso objetivo de inflação média, tal como foi definido); o que implica que uma taxa de inflação ligeiramente mais elevada pode ser prosseguida após períodos em que tenha ficado abaixo do objetivo oficial.

Em Setembro, a Reserva Federal nos Estados Unidos reformulou as suas orientações futuras e anunciou que não espera quaisquer aumentos nas taxas de juro até ao final de 2023.

Em Dezembro de 2020, o Banco Central Europeu (BCE), aumentou o seu programa o Programa de Compra de Emergência Pandémica (na sigla inglesa, PEPP) em mais 500 mil milhões de euros, para um total de 1,85 biliões de euros, e prolongou a sua duração até Março de 2022.

Adicionalmente, o BCE prolongou as linhas de financiamento de longo prazo para a banca até junho de 2022. Trata-se da terceira série dos TLTRO, um instrumento de política monetária não convencional, através do qual a instituição concede empréstimos de longo prazo à banca, com o objetivo de incentivar a concessão de crédito às empresas e aos consumidores e aumentar a liquidez.

O BCE prolongou a terceira série do TLTRO em 12 meses, até junho de 2022 e criou três operações de financiamento de longo prazo que serão realizadas entre junho e dezembro de 2021.

Com estas decisões, o BCE cumpriu com o compromisso assumido de 'recalibrar' os instrumentos que tem à disposição para fazer face à crise económica provocada pela pandemia de Covid-19, e estabeleceu as regras para todo o ano de 2021, em que as condições de financiamento permanecerão acomodáticas, mantendo as taxas de juro dos governos europeus e os spreads a um nível baixo e confortável.

Fazendo uma retrospectiva de 2020, é notório que o apoio do BCE ao longo de muitos meses tem sido forte e os investidores em todo o mundo reconstruíram a confiança nas obrigações do governo e nos spreads periféricos, conduzindo a uma compressão de yields ao longo da curva.



A compressão dos spreads foi perceptível tanto nos segmentos Investment Grade como High Yield, com desempenhos mais favoráveis nos sectores tecnológico e saúde, e menores performances nos sectores financeiro e energético.

A procura de rendimento por parte dos investidores num contexto de baixas taxas de juro contribuiu para a diminuição dos spreads de crédito a partir do pico atingido em Março.

Por outro lado, as empresas, protegeram os seus balanços do potencial stress de liquidez e emitiram obrigações a um ritmo recorde no ano de 2020, e a prazos de maturidade cada vez mais longos. A emissão de títulos de maturidade igual ou inferior a cinco anos mudou pouco em relação ao ano passado, mas as emissões com mais de 10 anos ou 30 anos aumentaram em mais de 50%

O apoio dos bancos centrais, permitiu que as taxas de juro das obrigações do Estado permanecessem contidos na maioria dos países.

As yields na Alemanha e na Europa Central desceram, mantendo-se estáveis no Japão devido à continuação da política de controlo da curva de taxa de juro.

Os spreads soberanos dos países europeus periféricos apertaram-se enormemente em relação aos máximos atingidos em meados de Maio e, para alguns países como Portugal e Espanha, os rendimentos a 10 anos aproximaram-se de zero no final de Novembro.

Para além das compras do BCE, importa salientar que, no seu conjunto, a zona euro tem assistido a uma redução da oferta de obrigações soberanas desde Junho, enquanto os investidores continuaram a sua procura de rendimento com mais compras do sul da Europa: Itália e Grécia.

De acordo com os dados publicados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), estima-se uma contração do crescimento da economia global para 2020 de 3,5%.

Segundo o "Economic Outlook" será a China a liderar a recuperação, concentrando um terço do crescimento previsto para o próximo ano, enquanto a Europa e a América do Norte manterão "um contributo menor do que o seu peso na economia mundial".

A China deverá registar um crescimento de 2,3% no PIB em 2020, sendo a única das principais economias a obter um saldo positivo, passando para um crescimento de 8,1% em 2021 e de 5,6% em 2022. Por seu lado, a zona euro sofreu uma quebra de 7,2% este ano, recuperando 4,2% em 2021 e 3,6% em 2022, e os Estados Unidos terão uma contração de 3,4% neste ano, subindo 5,1% e 2,5% nos anos seguintes.

ECONOMIA NACIONAL



A atividade económica em Portugal, ficou marcada pelo aparecimento da pandemia COVID 19, que provocou uma contração generalizada em praticamente todos os setores económicos, com especial incidência nos sectores mais ligados ao turismo, como o alojamento e a restauração, e que foram os que mais contribuíram para o declínio da atividade nos dois primeiros trimestres de 2020.

De acordo com os dados do Banco de Portugal e do INE, a queda do PIB em 2020, ano profundamente afectado pelos efeitos adversos da pandemia de COVID-19, é a maior de que há registo na atual série, com início em 1996. Para esta redução contribuíram o decréscimo quer da procura interna e quer da procura externa líquida. Do lado da procura interna destaca-se sobretudo a contração do consumo privado enquanto do lado da procura externa sobressai a forte redução das importações e das exportações de bens e serviços, com destaque para a diminuição sem precedentes das exportações de turismo.

No que respeita ao emprego, este diminuiu 1,7% em 2020, no conjunto dos ramos de atividade, e após ter aumentado 0,8% no ano anterior. Também o emprego remunerado registou uma variação de -1,7% (+1,1% em 2019).

ACTIVIDADE

Portugal

2020 foi um ano atípico para o Turismo em Portugal. A pandemia ditou uma travagem a fundo do setor, que viu o número de hóspedes, dormidas e proveitos caírem abruptamente. Os dados divulgados pelo Turismo de Portugal apresentam quebras de: (i) 57,6% nas receitas do Turismo, (ii) 63% nas dormidas; (iii) 61,3% dos hóspedes, e (iv) de 66.1% dos proveitos totais.

De acordo com dados do INE, as unidades de alojamento turístico contaram com 10,5 milhões de hóspedes no total do ano passado (- 61,3% face a 2019), o que significa que passaram por estas unidades menos 16,6 milhões de pessoas.

As ausências mais notadas foram os turistas estrangeiros, num Portugal que é, há muito, um destino dependente do turismo dos não residentes. Mas as restrições e limitações impostas no combate à pandemia, aliadas aos receios de viajar, levaram a uma forte quebra no número de viajantes estrangeiros.

Em 2020, os hóspedes não residentes ascenderam a 3,9 milhões, representando uma descida de 75,7%. Em 2019, Portugal tinha recebido 16,4 milhões de turistas estrangeiros, o que significa que no ano passado perdeu 12,5 milhões de hóspedes não residentes.

Os mais de 10 milhões de hóspedes representaram 25,9 milhões de dormidas, o que se traduz num decréscimo de 63% face a 2019.

Em 2020, os principais responsáveis pelas dormidas foram os turistas residentes: 6,5 milhões de hóspedes residentes em Portugal foram responsáveis por 13,6 milhões de dormidas.

De acordo com o INE, "desde 1993, ano em que se registaram 23,6 milhões de dormidas, que não se observava um número de dormidas tão reduzido como o que se verificou em 2020".

"A pandemia COVID-19 teve notoriamente um forte impacto nos resultados anuais. No conjunto dos dois primeiros meses do ano, as dormidas apresentaram um crescimento de 10,8%, resultados que foram parcialmente influenciados por efeitos de calendário: o Carnaval, que em 2020 ocorreu em fevereiro e no ano anterior ocorreu em março, e em 2020 fevereiro teve 29 dias mais um que em 2019. No conjunto dos 10 meses seguintes, registou-se uma diminuição de 70,4% nas dormidas", nota o INE.

No primeiro confinamento, em março de 2020, muitos serviços e comércio tiveram de encerrar. E apesar dos hotéis não encerraram por decisão do governo, muitos dos serviços que estes oferecem - como cabeleireiro, spa, piscinas, restaurantes, bar e espaços para eventos - foram obrigados a fechar.

Ainda assim, a falta de procura obrigou ao encerramento de centenas de unidades de alojamento. Uma tendência atenuada no verão, mas que no Outono, perante o agravamento da crise de saúde pública e um novo aumento das restrições, ditou um novo fecho de portas.

A proporção de estabelecimentos encerrados ou que não registaram movimento de hóspedes disparou, especialmente nos meses de abril e Maio (85,0% e 74,1%, que contrastam com 17,9% e 16,3%, respetivamente, em 2019).

A pandemia ditou a mudança de muitos hábitos. Em 2020, o mês do Natal foi diferente. Apesar do alívio de algumas restrições, e ainda que para muitos o Natal tenha sido passado em família, não se verificaram os tradicionais jantares de Natal, festas e outros eventos associados à quadra, nem foi possível organizar as habituais festas de boas-vindas na Passagem do Ano. Estes factos tiveram um impacto bastante negativo no turismo, que em dezembro apresentou quebras de 70%.

De acordo com o INE, "em dezembro, 50,5% dos estabelecimentos de alojamento turístico estiveram encerrados ou não registaram movimento de hóspedes (49,0% em novembro)".



Empresa

Portugal

2020 foi sem dúvida o pior ano de sempre na história da Vila Galé.

Se em 2019 a Vila Galé tinha alcançado valores históricos, também em 2020 o fez, mas pela negativa. As quebras no volume de vendas chegaram aos 67% (aproximadamente menos 75 milhões de euros) e as taxas médias de ocupação anuais caíram para 18,7% (57,4% em 2019).

As limitações impostas pelo combate à pandemia, as quebras na procura e o fecho das fronteiras, ditaram a necessidade da empresa aderir a medidas de Layoff e obrigaram ao encerramento, ao longo de grande parte do ano, das maioria das suas unidades hoteleiras.

O encerramento das fronteiras teve especial impacto na região do Algarve, nomeadamente no que respeita aos mercados do Reino Unido, Alemanha, Espanha, Irlanda, Holanda e França que são tradicionalmente os principais mercados emissores.

A quebra nas receitas obrigou a um aumento do endividamento da empresa e impacta nos resultados operacionais, que se apresentam negativos.

Valeu à empresa a época do Verão e o mercado português, responsável por 61% das dormidas do grupo Vila Galé (35% em 2109).

Brasil

No Brasil, os efeitos da pandemia não foram tão nefastos, uma vez que quando se dá o início da mesma, em março de 2020, já o Brasil estava a terminar a sua época alta.

Ainda assim, mesmo beneficiando do facto das limitações impostas neste país serem menos restritivas que as adotadas em Portugal e da abertura do hotel Vila Galé Paulista, no 2º semestre de 2020, verificou-se uma quebra nas taxas médias de ocupação anuais para 25% (55% em 2019) e uma redução no volume de vendas na ordem dos 45%, o que representa 120 milhões de reais (39 milhões de euros).

ANÁLISE ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

Resultados operacionais

RENDIMENTOS E GASTOS	2020	2019
Vendas e serviços prestados	68 005 141	182 610 720
Subsídios à exploração	3 666 920	416 682
Ganhos/perdas imputados de subsidiárias, associadas e empreendimentos conjuntos	881	3 543
Variação nos inventários da produção	285 000	569 503
Trabalhos para a própria entidade	-	-
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas	(9 324 333)	(23 119 664)
Fornecimentos e serviços externos	(23 564 250)	(50 078 984)
Gastos com o pessoal	(31 328 673)	(42 828 046)
Imparidade de inventários (perdas/reversões)	-	-
Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões)	85 974	(1 746 712)
Provisões (aumentos/reduções)	(221 901)	(252 532)
Imparidade de investimentos não depreciables/amortizáveis (perdas/reversões)	-	-
Aumentos/reduções de justo valor	(37 096)	19 353
Outros rendimentos	2 731 749	1 570 981
Outros gastos	(1 643 088)	(2 862 580)
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos	8 656 323	64 302 264
Gastos/reversões de depreciação e de amortização	(20 040 571)	(19 283 351)
Imparidade de investimentos depreciables/amortizáveis (perdas/reversões)	-	-
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)	(11 384 248)	45 018 914

O volume de faturação no exercício findo em 31 de dezembro de 2020 ascendeu a 68 milhões de euros, o que representa um decréscimo significativo de 62,8% face ao período homólogo, severamente afetado pela pandemia covid19, que obrigou ao fecho das unidades por alargados períodos de tempo. Em valores absolutos traduz-se numa redução de 114,6 milhões euros.

Os custos operacionais diretos, registaram no exercício findo de 31 de dezembro de 2020 igualmente um decréscimo, de 45% (cerca de 52 milhões euros em termos absolutos). Esta redução, de menor amplitude que das vendas, resulta diretamente da manutenção de postos de trabalho, premissa assumida pela Vila Galé e subjacente aos apoios de layoff prestados pelo Estado Português e Brasileiro.

Os resultados brutos operacionais em 2020 fixaram-se nos 8,6 milhões de euros, versus 64 milhões de euros em 2019, o que representa uma queda de 87%.

Resultados financeiros

RENDIMENTOS E GASTOS	2020	2019
Juros e rendimentos similares obtidos	473 934	545 025
Juros e gastos similares suportados	(21 303 493)	(2 338 239)
Resultado antes de impostos	(32 213 807)	43 225 700

Os resultados financeiros no exercício findo em 31 de dezembro de 2020 ascenderam a 21 milhões de euros negativos (1,8 milhões de euros negativos em 2019), severamente afectados pelas variações cambiais EUR/BRL, inerentes aos financiamentos do Brasil.

Investimento

Ativos fixos tangíveis;

Dando continuidade ao plano continuado de remodelação e melhoramento das suas unidades hoteleiras, bem como de expansão com abertura de novas unidades em Portugal e Brasil, a Empresa realizou no exercício de 2020 obras num investimento total de 27 milhões de euros.

- Hotel Vila Galé Serra da Estrela; O Hotel Vila Galé Serra da Estrela foi contruído em pleno Vale Glaciar, na zona limítrofe do Parque Natural da Serra da Estrela. O Hotel com 91 quartos, um salão de eventos, uma sala de reuniões, um restaurante Versátil com oferta gastronómica diferenciada, lobby bar, ginásio, SPA, piscina interior e piscina exterior. O investimento total desta unidade situou-se na ordem dos 9 milhões de euros. Este projeto foi objeto de candidatura ao Portugal 2020 (programa adotado entre Portugal e a Comissão Europeia, que reúne a atuação dos 5 Fundos Europeus Estruturais e de Investimento - FEDER, Fundo de Coesão, FSE, FEADER e FEAMP - no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover, em Portugal, entre 2014 e 2020). O valor do apoio ascenderá a cerca de 1,5 milhões, não reembolsáveis. A abertura do hotel ocorreu no mês de junho de 2020.

- Hotel Vila Galé Alter Real; A Vila Galé propôs-se desenvolver na Coudelaria de Alter uma unidade hoteleira de 4* com um total de 76 quartos. A Empresa considerou de interesse intervir na Coudelaria de Alter, não só pelo seu elevado valor de património arquitetónico, mas também pelo grande legado coudélico que representa na preservação e valorização do património genético e cultural do ferro Alter Real. A obra teve início em março de 2019 e o seu término em março de 2020. O investimento total desta unidade situou-se na ordem dos 9 milhões de euros. Este projeto foi objeto de candidatura ao Portugal 2020 (programa adotado entre Portugal e a Comissão Europeia, que reúne a atuação dos 5 Fundos Europeus Estruturais e de Investimento - FEDER, Fundo de Coesão, FSE, FEADER e FEAMP - no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover, em Portugal, entre 2014 e 2020). O valor do apoio ascenderá a cerca de 1,5 milhões, não reembolsáveis. A abertura do hotel ocorreu no mês de junho de 2020.

- O Hotel Vila Galé Douro Vineyards foi objeto de ampliação do seu número de quartos, tendo esta obra de ampliação terminado em junho de 2020. O investimento total na ampliação da unidade situou-se na ordem dos 7 milhões de euros.

- Hotel Vila Galé Paulista; Foi finalizada a reconversão de um edifício de 11 andares de escritórios na Rua Bela Cintra, em São Paulo, em unidade hoteleira, com 110 apartamentos, piscina, um restaurante Massa Fina e um Vila Gale Café, num investimento total de cerca de 10 milhões de euros. A abertura ocorreu em agosto de 2020.

Dívida financeira

A dívida financeira no exercício findo em 31 de dezembro de 2020 aumentou em 38 milhões de euros, decorrente da contratação de linhas de crédito de médio/longo prazo de apoio à tesouraria, para fazer face ao impacto da covid19.

As amortizações das linhas de crédito de médio/longo prazo foram efetuadas de acordo com os planos de pagamentos estabelecidos com as entidades bancárias, não se tendo recorrido a moratórias.

Foram contratualizados com os bancos waivers no que respeita às cláusulas de cumprimento de rácios financeiros.

Impostos diferidos

As variações registadas nos impostos diferidos ativos e passivos, resultam essencialmente da operação do Brasil, dado que de acordo com a legislação Brasileira, as variações cambiais inerentes a operações não fechadas não concorrem para efeitos de imposto sobre lucros.

SITUAÇÃO PERANTE O ESTADO E SEGURANÇA SOCIAL

Em observação do Decreto-Lei 543/80, de 7 de novembro, informamos que não existem dívidas em mora ao Estado e Outros entes públicos, nem a Empresa é devedora de qualquer dívida vencida à Segurança Social.

PERSPETIVAS FUTURAS

Com o plano de vacinação implementado em Portugal é expectável que a suposta imunidade de grupo seja atingida em setembro de 2021 e nessa data se possa retomar a normalidade da atividade económica. Consideramos que à semelhança do que já se verificou em 2020, o mercado nacional possa retomar as viagens e deslocações internas durante o verão procurando locais para férias nas zonas costeiras ou no interior do país permitindo que durante este período as taxas de ocupação dos hotéis possam ser razoáveis. Os destinos de cidade, e porque são mais dependentes dos mercados externos e do mercado corporativo, admitimos que só possam retomar níveis de ocupação razoáveis em setembro/outubro.



No que diz respeito aos mercados internacionais, existe ainda hoje alguma incerteza quanto à retoma do transporte aéreo e número de ligações entre destinos e quanto às regras de circulação, em especial na união europeia. Será fundamental o consenso na união europeia quanto às regras de circulação e abertura de fronteiras. De qualquer modo, as nossas previsões apontam para um fluxo turístico internacional superior ao verificado no verão de 2020, mas ainda assim longe dos números atingidos em anos anteriores.

Os estudos indicam que existe uma vontade reprimida de viajar e que parte dos fluxos turísticos serão retomados já no segundo semestre de 2021, embora será em 2022 que julgamos que haverá condições para o regresso à normalidade. Admitimos que os números que se verificavam no período pré-pandemia só venham a ser novamente atingidos entre 2023 e 2024.

Consequentemente, a Administração não prevê que exista um risco de continuidade, dada a posição financeira forte que lhe permitiu absorver a redução nos resultados decorrentes da pandemia, bem como as expectativas de retoma para 2021.

